

RUMOS E ENCRUZILHADAS DE APARECIDA

* Professor de Eclesiologia
no ITESP.

Marlos Aurélio da Silva*

Resumo:

Como ponto de partida o Autor reconhece que não é fácil analisar um documento como o DA. Assim ele toma alguns aspectos peculiares: o ambiente popular de Aparecida, a metodologia com que se trabalhou e a colaboração interna. Quanto ao conteúdo do documento, Da Silva realça a dimensão missionária da Igreja e a vida paroquial especialmente no meio urbano. O autor chama atenção para aspectos que teriam merecido mais atenção: diálogo inter-religioso, ecumenismo, problemas sociais, ministérios, novos movimentos eclesiais, os negros, a sexualidade. Entretanto, apesar dos limites comuns a toda empresa humana, o documento traz em si esperanças e desafios que podem animar a Igreja por muitos anos.

Palavras-chave:

V CELAM: Leitura crítica; América Latina: Documentos Eclesiais.

Abstract:

Da Silva admits that it isn't an easy task do a deep analysis of Aparecida Document having it's historical background in mind. So he starts from some point of special meaning: the popular place which is Aparecida city, methodology and the good internal atmosphere of the Conference. Focusing in the content he enhances two dimensions: ecclesiastic missionary activities and parish life, mainly in urban centers. Some issues received not an ideal attention, in the auctor point of view: *interreligious dialogue, ecumenism, social issues, ecclesiastic ministeries, new ecclesiastic movements, negroes issues, sexuality*. Even if we find

some limitations in DA as it's normal in all human job, this Document brings hope and challenge that could enliven up enthusiasm in the people life in the Church for many years.

Key-words:

V LACBC: Critical analysis; Latin-America: Church Documents.

INTRODUÇÃO

Indubitavelmente a *Conferência de Aparecida* passa a ser parte do legado da Igreja latino-americana e caribenha que continua apostando na utopia do Reino de Deus em favor da vida dos nossos povos. A realização deste evento marcou positivamente a opção da Igreja deste continente em manter sua fidelidade e compromisso com a libertação da nossa gente.

Sem querer arriscar uma imediata consensualidade dos resultados desta V Conferência, pode-se afirmar tranquilamente que são muitos os olhares de esperança que dela emanam em vista de um tempo novo na vida eclesial. Para muitos, Aparecida conseguiu superar as expectativas e não representou um retrocesso na caminhada consagrada de lutas das nossas Igrejas. Reflexo disto está no comentário otimista, a respeito do *Documento de Aparecida*, de Clodovis Boff:

*É o melhor documento produzido até hoje pelos nossos bispos e talvez por qualquer outro episcopado regional. Ele recapitula o que há de melhor nas CELAMs anteriores, e isso dentro de um quadro teológico muito mais rico, seguro e homogêneo. O documento é uma surpresa do Espírito, pois nada deixava prever um texto dessa qualidade... não só dá mais um passo em frente, mas abre uma nova fase na missão da Igreja no Continente. A sensação que passa é que agora vai.*¹

Nessa mesma linha de reconhecimento do alcance da última Conferência, pondera Faustino Teixeira que, ele... conseguiu corresponder positivamente a aspectos importantes da vida eclesial latino-americana, superando a tendência mais restritiva presente nos dois textos preparatórios: o documento de participação e a síntese das contribuições recebidas para a V Conferência.² A surpresa e a avaliação positiva quanto aos resultados são tão grandes que se chega a ponto de afirmar que o bom documento de Aparecida é mais um milagre do que fruto de boas condições de trabalho.³

Contudo, ao se querer apreciar um acontecimento desta magnitude e significância é sempre necessário ter em conta que lacunas e limites não estarão ausentes. Aliás, se individualmente constatamos que somos incapazes de abarcar na totalidade qualquer realidade e de atingir todos os nossos ideais, o desafio

¹ Cf. C. BOFF, O Documento de Aparecida é o ponto mais alto do Magistério da Igreja latino-americana e caribenha. Em *REVISTA DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS ON LINE*, 224, (2007), p. 16.

² Cf. F. TEIXEIRA, Uma reflexão sobre o pluralismo religioso a partir de Aparecida. Em *REVISTA DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS ON LINE*, 224, (2007), p. 11.

³ Cf. A. BRIGHENTI, Critérios para a leitura do Documento de Aparecida. O pré-texto, o con-texto e o texto. Em *CONVERGÊNCIA*, 404, (2007), p. 336; Clodovis Boff faz eco a isso quando afirma: *é também um milagre da Mãe Aparecida, a quem o Santo Padre tinha confiado a direção da Assembléia.* Cf. C. BOFF, O Documento de Aparecida, op. cit., p. 16.

torna-se ainda maior quando a proposta é de se realizar isso colegialmente e em âmbito continental. Ora, se por um lado, se ganha pela riqueza de contribuições e de experiências, por outro, complica-se pela multiplicidade de ideologias e de interesses, além dos diferentes modelos de Igreja em questão. Sendo assim, o saldo mais positivo dependerá em muito das convergências e das negociações que se conseguem estabelecer, mas que às vezes se sobrepõem a princípios mais originários e autênticos.

De modo que, sem muito esforço intelectual e preterindo até mesmo do uso da ciência hermenêutica, facilmente deduz-se que, na produção de um documento forjado em uma assembléia, as diferentes tendências e concepções são muitas vezes justapostas a fim de se garantir um estilo literário único no texto. Dentro desta lógica delinea-se também o perfil do Documento Final desta V Conferência, ou seja, *as diferentes proposições, nem sempre têm o mesmo peso. Há afirmações hegemônicas, que perpassam todo o Documento e fazem parte do espírito do texto, e há afirmações residuais, mais periféricas, que entraram no texto para que outras proposições pudessem também ser contempladas, mas que não exprimem o espírito do texto.*⁴ Daí ser necessário pontuar o eixo temático do documento se quisermos manter a fidelidade ao seu espírito que ultrapassa as digressões ideológicas ou de resistências que possam existir. A isso nos propomos apontar mais à frente.

Mas a referência e recorrência ao texto devem inevitavelmente nos fazer pensar na importância que representa como uma declaração do Magistério da Igreja Latino-americana. Porém, jamais deverá ser reduzido a um *documento dos bispos* porque na verdade é um documento eclesial, pois direta e indiretamente foram milhares de pessoas envolvidas em sua elaboração. E aqui cabe destacar o quanto as Conferências Episcopais estiveram atuantes na preparação da Assembléia, através do Documento de Participação, se comparado com as Conferências anteriores. Em especial, a Igreja do Brasil ofereceu uma rica contribuição a partir daquilo que recebeu das mais diversas instâncias consultadas. Entretanto, ela infelizmente não se viu melhor contemplada no Documento final de síntese — documento de trabalho/consulta. Inúmeros outros eventos foram convocatórios para a preparação da Assembléia seguindo essa mesma lógica de sensibilizar e despertar interesse de todas as comunidades e Igrejas.⁵ De modo que, todas estas iniciativas refletem a consciência e o desejo de um agir deliberativo da Igreja continental que busca realizar criativamente sua colegialidade através e a partir destas *conferências que sempre supõem maior participação.*

Assim, a Conferência de Aparecida permanece como ícone de mais uma etapa significativa da caminhada eclesial, e que

⁴ Cf. A. BRIGHENTI, Critérios para a leitura do Documento de Aparecida, p. cit., p. 346.

⁵ Cf. J. B. LIBÂNIO, J. B. *Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano*. Do Rio de Janeiro a Aparecida. São Paulo, Paulus, 2007, pp. 51-54.

ultrapassa em grandeza, todo e qualquer tipo de interferência e arbitrariedade que possam lhe ter acometido, pois, conseguiu delinear o rosto de uma Igreja viva e cheia de esperança. E fixar-se apenas nas querelas e mazelas de políticas eclesiais internas, vendo e ouvindo somente como seu resultado o lamento, seria cometer um irreparável erro de silenciar outras melodias inspiradoras, e muito mais encantadoras, que marcam o compasso harmonioso da nossa tradição eclesial. Por isso, é preciso colher no contraste de luzes e sombras as indicações que nos advém desta Conferência que tem na produção do Documento Final um momento importante, mas que não se reduz a este. Pois, tão relevante quanto esse registro escrito foi a preparação que o antecedeu e, é, acima de tudo, a sua recepção criativa pelas Igrejas que deverão entrar em contato com seu espírito e traduzir para suas realidades. Caso contrário, correríamos o perigo de liquidar todo o esforço que foi engendrado, canalizando somente para o texto o valor da Conferência Geral. Este por si, nenhuma mudança poderá provocar.

Por tudo isso, faz-se mister apresentar sinteticamente alguns traços da peculiaridade desta V Conferência que são por sua vez veiculadores da novidade que seu espírito oferece.

1. A QUINTESSÊNCIA DE APARECIDA OU SUA ECLESIOGÊNESE

Os locais que sediaram as quatro conferências anteriores eram ambientes marcadamente religiosos, mas não populares (seminários, conventos etc). Verdadeiras fortalezas que não deixaram de influenciar o olhar e o horizonte daqueles que lá estavam seguros e protegidos, porém distantes dos problemas e anseios do nosso povão. Aliás, não é preciso insistir muito sobre esta convicção geral de que o lugar hermenêutico é relevante no processo de reflexão. Sabemos bem que *a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam*.⁶

Por conseguinte, evocar Aparecida traz subitamente à nossa memória expressões populares de peregrinação, de simplicidade, de piedade, de religiosidade e fé filial. O Santuário de Aparecida é o oásis espiritual para milhões da nossa gente que ali externa e extravasa sua esperança em Deus e sua crença na intercessão materna e próxima de Maria. Para usar uma figura de linguagem facilmente cognoscível que traduz a singularidade deste lugar, bastaria afirmar que, estar em Aparecida é *tomar um banho de povo*. É exatamente dentro deste contexto que transcorreu a Conferência, ou seja, de fé popular da gente simples. A evidência de que isso produziu marcas e teve relevância

⁶ Oscar Beozzo em suas exposições sobre a *Conferência de Aparecida* aponta para o significado e influência do lugar. A partir destas suas observações e daquilo que outros autores apresentaram, entre eles, J. B. Libânio é que quisemos destacar este aspecto. Cf. J. B. LIBÂNIO, *Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano*, op. cit., p. 85,

⁷ Cf. DA, n. 3.

está na confissão que os próprios bispos fizeram de que, a ... *multidão de peregrinos de todo o Brasil e de outros países da América ao Santuário, nos edificaram e evangelizaram.*⁷

Mesmo que o povo tenha sido mero expectador das belas liturgias cuidadosamente preparadas e executadas no Santuário, durante os dias da Conferência, é fato inegável que os participantes desta estavam junto do povo. Quando desciam para o auditório no subsolo levavam certamente consigo a imagem de rostos concretos que haviam acabado de encontrar — mulheres e homens, mães e pais de famílias, jovens, crianças e idosos, mas todos igualmente ansiosos por encontrar através da fé um sentido de vida. E os sinais edificantes destes encontros ficaram eternizados no reconhecimento e na apreciação feitos pela Assembléia sobre a religiosidade popular.⁸ Malgrado o discurso feito pelo papa tenha também condicionado positivamente, pois ele ressaltou e valorizou a religiosidade e piedade popular. Mas de fato, os bispos se sensibilizaram e foram contagiados pelo clima místico-espiritual dos romeiros de Nossa Senhora Aparecida que acorrem àquele Santuário. Não mais era possível simplesmente teorizar sobre a religiosidade, tornava-se algo palpável e cotidiano no Santuário que merecia ser simplesmente acolhido, admirado e valorizado.

⁸ Cf. DA, nn. 258-265.

São resultados de qualidade que não estavam previstos nem programados, mas que fazem muito a diferença! Justamente porque passa a realçar algo que sempre foi visto como sendo inferior e destituído de criticidade. Ora, tal maneira positiva de encarar a fé popular e que está registrada no texto... *é talvez inédito em nossa tradição. Tal tratamento emerge em várias partes do documento e, quando é abordado explicitamente, constitui um de seus mais belos textos, realçando a fé do povo simples como a grande riqueza da América Latina.*⁹ É evidente, que dever-se-á *cuidar do tesouro da religiosidade popular de nossos povos, para que nela resplandeça cada vez mais a pérola preciosa que é Jesus Cristo, e seja sempre novamente evangelizada na fé da Igreja e por sua vida sacramental.*¹⁰ Mas isso é cabível para tudo que se relaciona com a fé, bem como quanto a tudo na vida que está também passível, e deve ser cada vez mais, desenvolvido e melhorado. O interessante e peculiar desta vez, é o fato de não se exigir isso de antemão, ou seja, conseguiu-se superar a atitude de mera precaução que evitava reconhecer o valor e a grandeza da religiosidade popular.

⁹ Cf. F. MIRANDA, O Documento de Aparecida realça a fé do povo simples como a grande riqueza da América Latina. Em *REVISTA DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS ON LINE*, 224, (2007), p.10.

¹⁰ Cf. DA, n. 549.

Ainda sobre a realização da Conferência em Aparecida, acrescenta-se o fato de que o Santuário, como centro de peregrinações conseguiu, durante este evento, alargar seu alcance de sede da Conferência até outras localidades, pois à sua sombra ocorreu o significativo Fórum de Participação. Foram

verdadeiras mobilizações dos mais variados setores eclesiais, como o *Seminário Latino-americano de Teologia*, realizado em Pindamonhangaba; a *Romaria* das CEBs, da Pastoral Operária e da Pastoral da Juventude, de Roseira até Aparecida e a *Tenda dos Mártires*, erguida próximo do local onde foi encontrada a *imagem de Aparecida*. Além disso, esta foi a Conferência de maior irradiação de informações pelo uso dos meios de comunicação. Isso possibilitou que, mesmo à distância, muitos pudessem acompanhar e tomar conhecimento dos desdobramentos da Assembléia, e quiçá até mesmo de influenciar, através de sugestões que posteriormente eram assumidas oficialmente como contribuição à Assembléia.

De modo que, Aparecida permanecerá para a história da Igreja na América Latina e Caribe não somente como o lugar geográfico da realização desta V Conferência, mas como o *lugar teológico* de uma nova impostação eclesial que acolhe e deseja desempenhar sua missão a partir da sensibilidade religiosa do povo. A configuração simbólico-religiosa de Aparecida é que permitiu perceber que a Igreja pode entrar numa outra fase. Sobretudo quando se questiona bastante a respeito da evasão massiva de fiéis para outras denominações cristãs, certamente que a consciência coletiva do episcopado tenha aprendido, a partir de Aparecida, que quando se despreza ou se subestima os valores populares, outros saberão muito bem como acolhê-los e *explorá-los*.

Destarte, não foi por acaso, dizem alguns que talvez mais por intuição, que o papa escolheu Aparecida, pois desejava que fosse junto a um grande santuário! *Pareceu-lhe bem e ao Espírito...* E obviamente que o ganho disto foi inaudito. Pois o risco de uma Igreja se distanciar do seu povo é de não mais se interagir com este e de se descaracterizar como *Povo de Deus*, que é definição conciliar da própria Igreja. Aparecida confirmou que o povo continua sendo Igreja para que a Igreja seja mais povo!

2. CONTORNOS E DESVIOS NA ARQUITETURA DE APARECIDA

Um documento denso sempre requer uma chave de leitura que facilite o melhor entendimento da sua proposta. Quando dizemos que tudo é importante sem elencar algumas prioridades torna-se difícil perceber o real alcance das perspectivas levantadas. Deste modo, ao tomarmos contato com o Documento Final da Conferência de Aparecida é importante considerar que *o texto se apóia sobre a viga mestra da consciência da fé cristã*

*confrontada com os desafios da realidade atual. Da percepção desse confronto surge dupla constatação: uma triste e dolorosa, outra esperançosa e programática. A dor vem da evidente perda de relevância, consistência e presença da Igreja católica no continente latino-americano... A esperança nasce da aposta de que é possível sacudir os católicos para verdadeira conversão...*¹¹ Com isso, temos o *enredo* a partir do qual o texto flui com suas constatações e formulando algumas propostas.

¹¹ Cf. J. B. LIBÂNIO, Conferência de Aparecida. Em *VIDA PASTORAL*, 257, (2007), p. 24.

Contudo, um princípio válido e que deve acompanhar qualquer exercício analítico é o de se perguntar pela metodologia aplicada, pois sabe-se muito bem as implicações desta com os resultados, ou seja, o produto final depende em muito da opção pelo método a ser utilizado. No que se refere a esta Conferência em particular, havia a consciência majoritária que seria necessário retomar o método *ver, julgar e agir*, conforme alguns episcopados fizeram sentir depois do Documento de Participação. Este método era reivindicado pela sua pertinência em relação à missão da Igreja no mundo no qual ela se encontra, pois, esta não tem finalidade em si mesma, e por isso, deve conhecer a realidade na qual está inserida. Em razão das tensões presentes, ficou evidente durante a Conferência, que seria assumido este método, porém em outra modalidade,¹² ou seja, tomando-o enquanto perspectiva das três partes do documento que coincidem por sua vez com os três momentos lógicos do método.¹³ Assim, parte da metodologia prevaleceu, mas a acentuação fortemente eclesiológica tornou-se contrastante com aquilo que é próprio do método. É importante observar que *mesmo mantendo o método ver-julgar-agir, o Documento Final revelou antes uma postura de quem partiu do julgar em todos os momentos. E esse julgar já se considera possuído sem dúvidas e sem questionamentos. Nesse sentido, o texto causa certo mal-estar em inteligências afeitas à criticidade moderna.* E confirma a descaracterização do método enquanto tal o fato de, antes da leitura da realidade, introduzir-se um capítulo de conotação espiritualista sobre o sujeito que olha a realidade, a Igreja triunfante e agradecida!

¹² Benedetti afirma que *o documento se propõe seguir o método ver-julgar-agir, retomando velha tradição herdada da Ação Católica. Mas não o segue fielmente...* Cf. L. R. BENEDETTI, Olhar sociológico para o documento de Aparecida. Em *VIDA PASTORAL*, 257, (2007), p. 03.

¹³ Cf. J. B. LIBÂNIO, *Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano*, op. cit., p. 133.

De qualquer forma, ficou assim posto: quando se trata *A vida de nossos povos hoje* corresponderia ao VER; *A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários* seria o JULGAR; e *A vida de Jesus Cristo para nossos povos* trataria do AGIR.¹⁴ Assim, o *fio condutor* que integra as três partes é a VIDA, que aparece explicitamente nos três títulos. Ao mesmo tempo, é a *espinha dorsal* de todo o conjunto textual, ou seja, a partir deste eixo temático é que emanam todas as reflexões seguintes. Sendo que, a vida aqui é entendida num sentido lato, isto é, contemplando desde o biológico até o ecológico.

¹⁴ É válido o alerta de França Miranda, ao dizer que se deve pôr... no condicional, pois, também aí, se encontram elementos doutrinários, explicativos, teóricos, referindo-se à parte do agir. Cf. F. MIRANDA, O Documento de Aparecida realça a fé, op. cit., p. 10.

Quando se aborda os *lugares de encontro com Jesus Cristo* emerge um outro elemento interessante, o da centralidade da Palavra de Deus¹⁵ na vida dos cristãos. Realmente para que sejam discípulos e missionários e se pense num projeto de fomentação evangelizadora, esse será ingrediente imprescindível. Porém, apostar numa *pastoral bíblica* como algo inédito parece desconsiderar experiências ricas do passado que possibilitaram o acesso das pessoas para o estudo e o contato com a Palavra de Deus. Sobretudo se pensamos nos círculos bíblicos e na leitura popular da Bíblia que pulularam as Igrejas deste continente, mas que nem sempre receberam o aval de alguns setores eclesiais. Nesta esteira cabem muito bem as CEBs que foram pioneiras em facilitar a compreensão da Palavra de Deus para a gente mais simples. Bem como foram nelas que se aprendeu a conjugar a fé (com base na celebração da Eucaristia e na Bíblia) e a vida, que passa pelo compromisso social inevitavelmente.

¹⁵ Cf. DA, nn. 247-249.

Por fim, um outro pilar da arquitetura desta Conferência é a opção pelos pobres que se tornou a marca da Igreja latino-americana, sendo novamente retomada nesta última, e agora apresentada em chave cristológica. Eis com que intensidade isso aparece: *O encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé em Jesus Cristo*.¹⁶ Assim há um caráter de fidelidade e continuidade ao que se propôs a partir de Medellín. Todavia, exige da Igreja que siga aprofundando e buscando sempre mais coerência com este princípio atual e necessário para sua missão. Afinal, é consenso que *a opção pelos pobres continua sendo a pedra de toque da Igreja*.¹⁷ Nesta esteira, ainda que se coloque reticências à eclesiologia do Documento no seu conjunto,¹⁸ foi muito feliz a afirmação de que *a Igreja é morada de povos irmãos e casa dos pobres*.¹⁹ Esta além de uma bela definição eclesiológica, permite também pensar na própria identidade da Igreja latino-americana e no seu projeto evangelizador a partir dos pobres.

¹⁶ Cf. DA, n. 257.

¹⁷ Cf. B. FERRARO, *Opção pelos pobres no Documento de Aparecida*. Em *VIDA PASTORAL*, p. 13.

¹⁸ Cf. J. B. LIBÂNIO, *J. Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano*, op. cit., pp. 117-118; 132.

¹⁹ Cf. DA, n. 8.

3. A CHANCE DE DUAS NOVAS IMAGENS DESDE APARECIDA

Dentre os muitos pontos temáticos que poderíamos destacar a partir desta Conferência, que tomou forma enquanto aspirações e projetos no *Documento Final*, optamos em evidenciar dois. Pois, nos parecem, os mais exigentes e, ao mesmo tempo, os que talvez façam surtir mais transformações nas atuais configurações e modelos de viver a fé em âmbito eclesial. Em nossa modesta avaliação são duas possibilidades que esta V

Conferência tem para deixar de modo singular sua marca na caminhada de Igreja latino-americana.

Em primeiro lugar, desde quando, se soube da realização desta Conferência certamente muitas perguntas giravam em torno dos desdobramentos que ela proporia. Ora, com base no conhecimento da situação eclesial de todo o continente, emergiu a urgência de se resgatar a dimensão missionária da Igreja. De um lado, a motivação para isso provinha da percepção de acomodamento pastoral existente em grande parte das Igrejas, e conseqüentemente, da perda de relevância e de terreno para outras denominações religiosas mais *agressivas*. Por outro lado, da própria dinâmica interna da fé cristã-católica sentia-se o *mandato* de re-evangelizar o continente da *esperança*, pois a missão não é algo facultativo, mas caracteriza e dá identidade.

Em razão disso não foi surpresa que a V Conferência, tomando consciência da realidade latino-americana e caribenha, tenha proposto realizar a chamada *missão continental*. E a partir da própria temática geral da Conferência que apresenta um termo carregado de semântica e que serve de horizonte para a missão — POVOS, percebe-se que a Igreja deve estar aberta para uma ação no mundo e nas culturas, isto é, a sua finalidade é o Reino de Deus chegando até as pessoas, e não ela mesma (eclesiocentrismo).²⁰ Aliás, a segunda parte do documento, que é a mais longa, tem a grandeza em redefinir a vida cristã como discipulado e dar-lhe uma nova impostação. Enquanto na última parte, exige-se da Igreja uma conversão pastoral. Quer colocá-la em estado permanente de missão porque a dimensão missionária é essencial à eclesialidade. E nisso ganha uma vez mais valor o protagonismo dos leigos que são missionários e discípulos.

Porém, é sobejamente sabido que para se efetivar este anseio da Igreja requer-se de fato uma conversão, primeiramente de mentalidade eclesial e depois de disposição relacional em tratar os leigos como adultos e parceiros na pastoral.²¹ Caso contrário, este projeto não passará de mais uma boa intenção fadada ao fracasso. Vale o realismo de recordar que *existe el peligro de que permanezcan en la superficie y que se haga un buen discurso sin consecuencia y sin aplicación. Como ha sucedido con la Conferencia de Santo Domingo en el año 1992. Ahí se dijo que los protagonistas de la evangelización serían los laicos. Pero nada se ha hecho. Nada se ha hecho para permitirles y darles de hecho una formación, una preparación, una autoridad con que pudieran tomar el papel de evangelización en la sociedad latinoamericana. Entonces esas son palabras vacías. El problema es que es fácil permanecer con palabras vacías, discursos vacíos.*²²

²⁰ Apesar de haver constatação diversa desta que apresentamos e que pontue que o documento *parte de Deus e de seu lugar de concretização, a Igreja católica. Trata-se de documento eclesio-cêntrico: a Igreja falando de si e para si*. Cf. L. R. BENEDETTI, Olhar sociológico para o documento de Aparecida. op. cit., p. 3. De qualquer modo, a tentação de *catolicentrismo* deverá ser sempre evitada, mas a missão tem de ocorrer.

²¹ Maria Clara Bingemer afirma: *A meu ver, não é aberto nenhum caminho novo para o laicato, que é convocado a assumir a parte do leão da evangelização e missão continental*. Cf. M. C. BINGEMER, O documento não tem o profetismo e o sopro libertador que caracterizou Medellín e Puebla. Em *REVISTA DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS ON LINE*, 224, (2007), p. 32.

²² Cf. J. COMBLIN, Caminhos de abertura em la V Conferencia del CELAM. Em *Cuadernos Movimiento Tambien somos Iglesia-Chile*, (2006), p. 7 (versão on line).

Dessa forma, urge de fato que esta ganhe forma e efetividade, pois assim, assegurará a vitalidade e a pertinência da proposta de fé cristã e católica para a vida de nossos povos. *Em termos práticos, a conferência pretende desencadear a grande missão continental. Em linguagem futebolística, a Igreja pensa numa evangelização corpo a corpo, abordando diretamente, em primeiro lugar, aqueles fiéis que abandonaram a prática religiosa, especialmente a missa dominical. Mas não num espírito de proselitismo, e sim de amor ao irmão. Imagina-se que, depois de momento forte, a grande missão se torne algo permanente.*²³

²³ Cf. J. B. LIBÂNIO, Conferência de Aparecida, op. cit., p. 24.

Mas importa ter lucidez suficiente para perceber que o projeto da Conferência de Aparecida é ambicioso. Trata-se de nada menos do que uma inversão radical do sistema eclesial. Há séculos a pastoral da Igreja está concentrada na conservação da herança do passado. De acordo com o projeto de Aparecida, tudo vai ser orientado para a missão. A realização prática desse projeto vai exigir o século XXI inteiro. Pois, os bispos lançaram esse projeto, mas agora o primeiro problema consiste em convencer o clero. A presente geração não está preparada para essa inversão das suas tarefas. Vai ser necessário mudar radicalmente a formação e preparar novas gerações sacerdotais bem diferentes da atual. Fazer com que toda a Igreja seja missionária é uma tarefa gigantesca.²⁴

²⁴ Cf. J. COMBLIN, O projeto de Aparecida. Em *Movimiento También Somos Iglesia-Chile*, (2007), p. 2 (versão on line).

Tanto isso é verdade, que o próprio Documento Final não teceu pormenores de como se dará essa *missão continental*. Serão necessários passos cautelosos e firmes para se alcançar com êxito o objetivo proposto de colocar *toda a Igreja em estado permanente de missão*. Por ora, vale encarar com otimismo a audácia manifestada e se dispor a contribuir a partir de onde estamos para que o movimento comece a ocorrer. Pois temos consciência que ... *só será continental, enquanto for assumida e realizada em todas as Igrejas Locais. Não há Igreja fora das Igrejas Locais e, portanto, uma missão por cima delas seria anti-eclesial.*²⁵

²⁵ Cf. A. BRIGHENTI, Critérios para a leitura do Documento de Aparecida, op. cit., p. 351.

Um segundo ponto merecedor de destaque e que está em estreita relação com o anterior, refere-se às paróquias. É bastante eloqüente o grau de consciência que se demonstra a respeito destas, que são uma das estruturas mais *caducas*, porém ainda mais utilizadas para se realizar a missão. Afirmam os membros da V Conferência: *um dos maiores desejos que se têm expressado nas Igrejas da América Latina e do Caribe, motivando a preparação da V Conferência Geral, é o de uma valente ação renovadora das Paróquias...*²⁶ Se de fato quer se pensar numa Igreja missionária é urgente modernizar os meios e métodos, e isso necessariamente passa pela renovação da estrutura paroquial que atualmente é centralizadora e burocrática.

²⁶ Cf. n. 170.

Ora o mundo urbano exige nova configuração de paróquia. É preciso discernir os sinais dos tempos (expressão que ficou

²⁷ Cf. P. F. BASSINI, Conferência de Aparecida: e agora? Em *VIDA PASTORAL*, 257 (2007), p. 17.

*esquecida nas últimas décadas) para aplicar os projetos que sejam respostas evangélicas ao moderno jeito de viver.*²⁷ Neste sentido deve-se fazer da paróquia um ambiente dinâmico e vivo enquanto expressão de fé. Para tanto, deve ganhar relevância dentro deste âmbito os ministérios, ou seja, a fisionomia paroquial deve ser de uma Igreja de comunhão e participação priorizando os serviços em vista da construção do Reino de Deus. Para isso são muito válidas as ações pastorais que a Conferência propõe no que se refere à presença feminina, entre estas, a de *garantir a efetiva presença da mulher nos ministérios que na Igreja são confiados aos leigos, assim como também nas instâncias de planificação e decisão pastorais, valorizando sua contribuição.*²⁸ Conseqüentemente, o maior ganho estará em proporcionar eficácia na evangelização, pois estruturas pesadas e burocráticas não colaboram em nada para que o evangelho se torne experiência de fé comunitária para as pessoas. Certamente que, sem mesmo priorizar atingir e trazer de volta os católicos afastados, a Igreja alcançará isso à medida que as paróquias forem espaços mais oxigenados pela liberdade promovendo a participação e compromisso comunitário de fé das pessoas.

²⁸ Cf. DA, n. 458.

4. FALTOU UM POUCO MAIS DE LUZ...

Como em toda apreciação vale ressaltar sempre os dois lados, isto é, aquilo que satisfaz e o que deixou a desejar, a fim de se evitar a parcialidade, passamos a mencionar alguns temas que tiveram menos brilho no conjunto dos resultados da V Conferência, e outros que foram até mesmo completamente eclipsados. Entretanto, sem deixar que prevaleça com isso a perspectiva negativista, conforme já fizemos entender anteriormente.

4.1. Diálogo inter-religioso

O diálogo inter-religioso não foi abordado com tanto realismo pastoral, contentou-se em repetir aquilo que já é consenso. *Talvez esteja aqui um dos pontos mais frágeis do documento, mas que está em coerência com a dinâmica atual da conjuntura eclesial, bem mais afeita ao anúncio que ao diálogo.*²⁹ Em partes, isso se explica também pela representação na própria Assembléia.

²⁹ Cf. F. TEIXEIRA, Uma reflexão sobre o pluralismo religioso a partir de Aparecida, op. cit., p. 13.

4.2. Ecumenismo

Quanto ao ecumenismo houve notável riqueza de reflexão, mas por enfatizar demais o valor da identidade católica passou

a impressão de insegurança. Faltou priorizar mais o diálogo que o anúncio neste tema.

4.3. Temas sociais

No âmbito social houve fraca denúncia do sistema neoliberal (como causa), destacou-se mais os seus desdobramentos culturais — os vários *ismos* já consagrados e conhecidos. Porém, as suas nefastas conseqüências: desemprego, violência e exclusão não foram tão bem contempladas. Isso gerou uma sensação de que a abordagem de temas sociais foi muito superficial. Na verdade a reivindicação que se faz aqui está mais pelo uso da mediação das ciências sociais que evitaria um discurso meramente religioso-eclesiástico de olhar comum sobre a realidade. Entretanto, o temor que *justifica* tal procedimento é sempre aquele de se evitar um resultado demasiadamente sociológico, ou seja, de produzir relatórios analítico-sociais. Em contrapartida o problema é o de produzir um discurso exortativo-autoritativo cheio de idealismos e de tonalidade eclesiocêntrica.

4.4. Ministérios

Sobre os ministérios a reflexão não gozou de tanto espaço e liberdade ficando restrita àquilo que já é de praxe. Apesar de indicações corajosas que foram feitas, por exemplo, pela CNBB.

4.5. Teologia da libertação

Foi olvidada a Teologia originária deste Continente? Ou na melhor das hipóteses ela foi finalmente integrada à vida da Igreja que nem requer mais uma menção especial? De qualquer modo ficou invisível a *Teologia da Libertação* ao longo do texto. O que soa estranho, pois foi a marca da Igreja neste continente nas últimas décadas. A palavra *libertação* quando aparece vem adjetivada com o claro propósito de atenuar seu impacto profético. São reflexos e resquícios da suspeita ideológico-política que pesa sobre este tipo de teologia.

4.6. Sexualidade

*A temática da sexualidade é demasiado difícil e delicada para ser discutida e verbalizada. Por isso, praticamente o texto a silencia. Refere-se a ela quase sempre negativamente. O positivo consiste unicamente no incentivo a sã educação sexual. Os adjetivos, de novo, servem para atenuar qualquer discrepância interpretativa no interior da conferência.*³⁰

³⁰ Cf. J. B. LIBÂNIO, Conferência de Aparecida, op. cit., p. 25.

4.7. Novos movimentos eclesiais

Nota-se que os Novos Movimentos Eclesiais são a grande esperança para a revitalização do catolicismo, e por isso, ganharam espaço e tiveram influência no desenrolar da V Conferência. Por um lado, isso representa riqueza para a Igreja que se mostra fértil e viva, mas por outro lado, pode ser ambíguo e problemático se incentivar e permitir atuação exclusiva, sobretudo àqueles que são de índole mais conservadora.

4.8. Negritude

A causa da negritude não ganhou a força que poderia em se pensando na rica simbologia de Aparecida e de seu alcance para nosso povo negro e mestiço. Nem mesmo a data de abertura da Conferência (treze de maio — abolição da escravatura) parece ter feito surtir algum efeito neste sentido a fim de superar o predomínio de uma mentalidade branca.

É certo que ninguém ingenuamente pode julgar que não existiram tentativas de colocar muitos destes pontos na agenda da Assembléia. Porém, na falta de pastores articuladores e catalisadores de posições firmes e proféticas, como houve em Conferências anteriores, prevaleceu a posição conciliadora. É óbvio que não seria de se esperar radicalizações nem extremismos, pois isso de certo modo já está superado. No entanto parece que estamos vivendo em tempos, senão avessos, ao menos de pouca disposição para os confrontos de idéias e de posições. Perdeu-se muito daquele vigor que o lema romano expressava: *si vis pacem, para bellum*, isto é, *se você quer a paz, prepare-se para a guerra*. Hodiernamente, faz-se de tudo para que prevaleça a imagem amistosa, a ponto de *um dos bispos que representava o Brasil salientou o clima de liberdade e a quase ausente — ou pelo menos pouco ostensiva — presença do Vaticano*.³¹ Quando na verdade, sabemos que não se deixaram de promover ulteriormente os *arranjos* de sempre. Lamentavelmente é fato que, procedendo deste modo, perde-se a riqueza que a pluralidade de pontos de vista gera. Quanto mais uniforme uma reflexão ou uma aproximação de um objeto, mais risco de parcialidade e inverdade!

³¹ Cf. L. R. BENEDETTI, Olhar sociológico para o documento de Aparecida, op. cit., p. 8.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão deste modesto percurso aproximativo da V Conferência vale retomar aquilo que já apontamos

anteriormente, ou seja, que a importância e o ganho de um evento deste porte estão na capacidade de despertar, situar e atualizar a Igreja para sua missão em nosso continente. O Documento Final, por mais que seja importante e deva refletir muito desses aspectos, representa um momento de todo o **desdobramento que significou a realização da Assembléia**. Na verdade o espírito desta é que imprimirá marcas indeléveis na alma da Igreja latino-americana, pois das conferências passadas mais que os textos que valiosamente também recolhemos está o significado permanente que têm diante das opções que a Igreja faz e continua acreditando. Sobre o Documento bastaria reafirmar que ... *se fez o possível e, diante das expectativas, ele não poderia ter sido melhor*.³² Pois, de nada adianta ficar exigindo que o texto fosse mais operacional e menos exortativo, quando sua natureza é antes de tudo pastoral e visando todo um continente que comporta tantas diversidades e peculiaridades, apesar dos inúmeros aspectos comuns.

³² Ibidem.

Neste sentido, o grande alcance está que *a Conferência de Aparecida sepultou a cristandade, como já o havia feito o Concílio, calando as vozes que fazem eco de um passado sem retorno. Lançar-se no risco da convivência com o diferente e o emancipado da tutela da Igreja, é a única garantia de futuro*.³³ Assim sendo, Aparecida teve a grandeza de dar um novo impulso missionário à Igreja latino-americana e caribenha. Muito ainda resta a ser feito e, sobretudo, de manter a fidelidade a esse espírito, aqui entendido como *zeitgeist* (o espírito dos tempos) com todas as implicações práticas que isso acarreta.

³³ Cf. A. BRIGENTI, Critérios para a leitura do Documento de Aparecida, op. cit., p. 339.

Por fim, é indiscutível que nenhuma Conferência e nenhum Documento jamais atingirão o patamar de excelência e nem gozarão de uma unânime aprovação. O certo é que portas e janelas, dentro do possível, foram abertas. E a consciência eclesial deve ser de *finis operis*, mas não *finis laboris*! Agora impulsionados por este novo espírito é hora de assumir com coragem as transformações que a Igreja e a sociedade necessitam ver acontecer. Afinal, nada está pronto, mas tudo se torna possível dentro de um clima que a Conferência conseguiu captar e criar. E se de fato Aparecida for fonte de inspiração, a Igreja certamente desfrutará de uma nova imagem de eclesialidade no meio dos nossos povos! *Alea jacta est...*, ou seja, a sorte está lançada!